

O bando de salteadores

Mark Twain - condensação de Pedro Bandeira de trecho do livro
"As aventuras de Tom Sawyer"

Sou o Huck Finn, e meu melhor amigo é o Tom Sawyer.

Naquele dia, havíamos decidido reunir a turma para fundar nosso bando de salteadores. Tudo estava combinado e eu e Tom chegamos ao velho curtume. Ben, o pequeno Jimmy e mais dois ou três dos rapazes já estavam lá, como havíamos combinado.

Liderados por Tom, caminhamos até o pé da montanha, onde havia uma moita de arbustos. Tom fez todos jurarem guardar segredo e em seguida mostrou um buraco escondido no lugar mais espesso da moita. Acendemos velas e começamos a rastejar por ali adentro, sobre as mãos e os joelhos. Avançamos assim um bocado e de repente a caverna se abriu à nossa frente, muito úmida e fria. Tom disse:

– Agora vamos fundar nosso bando de salteadores. Quem quiser pertencer a ele terá de prestar juramento e assinar o nome com sangue.

Todos queriam. Então Tom pegou uma folha de papel na qual escrevera o juramento e leu-o. Jurava que todos os rapazes seriam fiéis à quadrilha e nunca revelariam qualquer dos seus segredos; e se alguém fizesse qualquer coisa a algum dos componentes da quadrilha, qualquer dos rapazes que tivessem ordem de matar aquela pessoa e a sua família teria de fazê-lo, e não deveria comer nem deveria dormir enquanto não os tivesse matado e marcado uma cruz em seus peitos, o que devia ser o sinal da quadrilha. E ninguém que não pertencesse à quadrilha poderia usar aquele sinal e se o usasse seria advertido; e se o fizesse outra vez, seria morto. E se alguém que pertencesse à quadrilha revelasse os segredos, deveria ter a garganta cortada e depois ter a carcaça queimada e as cinzas espalhadas ao vento e o seu nome seria riscado da lista com sangue e nunca mais seria pronunciado pelos componentes da quadrilha, pois ficaria amaldiçoado e deveria ser esquecido para sempre.

Todos concordaram que era realmente um lindo juramento e perguntaram a Tom se ele o tirara da própria cabeça. Ele disse que parte sim, mas que o resto era de livros de piratas e de livros de bandidos e que todas as quadrilhas decentes faziam um juramento assim.

Alguns acharam que seria bom matar também as famílias dos rapazes que revelassem os

segredos. Tom concordou que era uma boa ideia e, pegando em um lápis, anotou a sugestão.

Em seguida, todos espetaram um prego nos dedos, a fim de tirar sangue para assinar.

– E agora? – perguntou Ben – Qual vai ser a ocupação da nossa quadrilha?

– Nada senão assaltos e assassinatos – respondeu Tom.

– Mas o que vamos nós assaltar? Casas... ou gado...?

– Idiotice! Roubar gado e coisas desse tipo não é assaltar, é simples ladroagem – exclamou Tom. – Nós não somos larápios. Isso não tem graça nenhuma. Somos bandidos das estradas. Fazemos parar diligências e carruagens na estrada, com máscaras, matamos as pessoas e tomamos os seus relógios e dinheiro.

– Temos de matar sempre as pessoas?

– Oh, decerto! É o melhor. Algumas autoridades pensam de maneira diferente, mas a maioria considera melhor matá-las. Exceto algumas que se trazem para a caverna, até que sejam resgatadas.

– Resgatadas? O que é isso?

– Não sei. Mas é isso o que se faz. Li nos livros; e assim, naturalmente, é o que temos de fazer.

– Mas como poderemos nós fazer uma coisa que não sabemos o que seja?

– Ora, com mil bombas! Temos de fazê-la. Já não te disse que está nos livros? Não queres começar a fazer coisas diferentes daquilo que está nos livros, para depois ficarmos todos atrapalhados, não é?

– Oh, isso é muito fácil de dizer, Tom. Mas como diabo vão esses camaradas ser resgatados, se nós não sabemos como conseguir isso? Esse é o ponto a que quero chegar. E, agora, o que imaginas tu que possa ser isso?

– Bem, eu não sei mesmo. Mas talvez conservá-los até que sejam resgatados queira dizer conservá-los até que tenham morrido...

– Bom, isso já é alguma coisa. Já é uma resposta. Por que não disseste isso antes? Vamos conservá-los até serem resgatados até a morte. E há de ser uma coisa bastante trabalhosa, com eles comendo tudo e sempre tentando escapulir.

– Que tolices dizes, Ben! Como vão escapulir, se terão sempre guardas à vista, prontos a atirar neles se fizerem um movimento?

– Guardas! Bem, esta não está má. Alguém terá de ficar acordado a noite inteira, e

nunca dormir, somente para vigiá-los. Eu acho que isso é uma idiotice. Por que não havemos de pegar um cacete e resgatá-los mal cheguem aqui?

– Porque nos livros não está assim, essa é a razão. E agora, Ben, queres fazer uma coisa dentro das regras, ou não queres? Esse é que é o ponto. Então não compreendes que as pessoas que escreveram os livros sabem muito bem o que é que se deve fazer? Achas que tu lhes podes ensinar alguma coisa? Não, senhor! Vamos resgatá-las da maneira regular.

– Muito bem, eu por mim não me importo. Mas acho que é uma grande tolice, de qualquer maneira. E outra coisa: matam-se as mulheres também?

– Escuta aqui, Ben: se eu fosse tão ignorante como tu, isto não iria por diante. Matar as mulheres? Não, ninguém nunca viu semelhante coisa nos livros. A gente as traz para a caverna e mostra-se sempre da maior delicadeza para com elas. E com o correr do tempo elas se apaixonam pela gente e nunca mais querem voltar para casa.

– Bom, se é esse o costume, estou de acordo, mas não quero tomar parte nele. Dentro em breve teríamos a caverna tão atulhada de mulheres e de camaradas esperando para serem resgatados que não haveria lugar para os bandidos!

O pequeno Jimmy tinha adormecido e, quando o acordaram, ficou assustado e desatou a chorar, dizendo que queria ir para casa, para junto da mamãe, e que não queria mais ser bandido.

Então todos zombaram dele, e chamaram-no bebê-chorão, e isso o fez ficar furioso, a ponto de dizer que ia para casa contar todos os segredos. Tom deu-lhe cinco centavos para acalmá-lo e disse que agora iríamos todos para casa e que nos encontraríamos de novo na semana seguinte, para assaltar e roubar alguém.

Ben disse que não podia sair muito, somente aos domingos, e por isso queria que a quadrilha só assaltasse diligências aos domingos, mas todos os rapazes disseram que no domingo seria pecado, e isso resolveu o caso.

Em seguida foi cada um para sua casa e o terrível bando de salteadores ficou para ser organizado em alguma outra ocasião.